

OPINIÃO

POSITIVA
MENTE

PEDRO FONTES FALCÃO
Gestor e Diretor do Executive
MBA do Iscte

O ESG e as decisões das empresas

Tendo lido o Financial Times (FT) hoje de manhã e assistido à Conferência Anual do ESG ("Environment, Social and Governance"), organizada pelo IPCG e com apoio da Deloitte, EY, KPMG e PwC, decidi voltar ao tema neste meu artigo.

Um artigo de opinião no FT questionava, entre outros, se o investimento anti-ESG faria sentido. Assumindo o pressuposto de que o investimento ESG não oferece consistentemente retornos superiores, há fundos que fazem investimentos anti-ESG, desde negócios de vícios (por exemplo, armas e tabaco), empresas que recentemente deixaram de seguir os princípios ESG, até empresas com baixos "scores" de ESG e que estão (supostamente por essa razão) excessivamente desvalorizadas. Na realidade, a pequena dimensão destes fundos e o seu curto histórico não permitem tirar con-

clusões fidedignas.

No lado oposto, há quem considere que o caminho na direção do ESG é imparável, e que as empresas terão de se orientar por tais princípios. A Europa parece mais "alinhada" do que os EUA. Um dos temas da Conferência referia a avaliação ESG de uma empresa como um dos critérios na decisão do crédito financeiro, o que leva as empresas a preocuparem-se mais com o ESG. Pode ser que, como as empresas dos EUA são muito menos dependentes de crédito bancário, esse efeito seja menor nas empresas americanas.

Contudo, o caminho na direção do ESG não é simples nem fácil, e está sujeito a erros. Para além da regulação que está por avançar (e que poderá incluir ajustamentos ao longo dos tempos), e das dificuldades do seu reporte, há que ter alguma cautela. Falou-se de um exemplo em

que uma empresa pensou em investir na lavagem de garrafas, valorizando-se em termos de "score" de ESG pela reutilização das garrafas, mas que acabava por também ser penalizada no "score" por aumentar o consumo de

água.

Ou seja, as empresas devem ter preocupações ambientais, sociais e de governança, mas não se devem precipitar em iniciativas sem fazerem uma análise global das implicações das mesmas. Embora se fale muito do "E", destaco a importância do "G" ("corporate governance"), dado que se pode evitar certos erros através de administradores não executivos (e também executivos) que desafiem as propostas de iniciativas apresentadas nos conselhos de administração, de modo a se minimizarem a probabilidade de decisões erradas na ânsia de pontuar bem nos "rankings" ESG. ■

Há quem considere que o caminho na direção do ESG é imparável, e que as empresas terão de se orientar por tais princípios.

coluna mensal à quarta-feira

O caminho na direção do ESG não é simples nem fácil, e está sujeito a erros.